

UM OLHAR SOBRE CUBA

Victor Meyer*

A recente participação de um grupo de professores da UEFS no II Taller Internacional de Ciências Políticas, na Universidade de Havana, enseja algumas reflexões sobre a sociedade cubana. A primeira impressão de que se tem de Cuba, na perspectiva de quem chega como turista, é negativa: uma bizarra frota de carros com predominância de modelos dos anos 40, 50 e 60, a fachada deteriorada dos casarões da Havana Velha, um fervilhante mercado negro de charutos e uma intensa movimentação de prostitutas nas proximidades dos grandes hotéis – tudo isso sugere um mundo em decomposição. Essa impressão inicial, no entanto, é apenas indicadora de uma espuma de superfície que flutua sobre a capital da Ilha, subproduto indesejado das mais recentes disposições econômicas.

Para se ter uma idéia aproximada do que se passa em Cuba é preciso antes atravessar essa camada episódica que a envolve. É necessário ir além, acercando-se à lógica do *Período Especial*, denominação oficial da política posterior à queda do bloco socialista. Efetivamente, a derrocada da URSS parecia ter ferido irremediavelmente a frágil economia cubana. As exportações caíram em 75%, as importações em 70%. O fundo do poço foi alcançado em 1993, quando a produção interna de mercadorias desceu à metade, comparativamente ao final dos anos 80. Os observadores mais esquemáticos diziam: Cuba não resistirá, cairá com as sociedades do leste europeu. Contudo, desde então se passaram cinco anos, e a economia cubana se recupera. O movimento é lento, porém claramente ascendente. Os desequilíbrios na balança comercial e de pagamentos e o déficit público caíram, a produção cresceu. O racionamento de emergência, embora continue, foi relaxado.

As reformas em curso buscam substituir a *planificação material*, anterior, pela *planificação financeira*. Hoje várias moedas circulam em Cuba: o peso cubano, o peso conversível e o dólar dos Estados Unidos. Com a redução dos desequilíbrios financeiros fundamentais, dramaticamente acelerada com a intensificação do turismo internacional, as autoridades monetárias pretendem criar condições para a sustentação de reservas em dólar, de modo a permitir o saneamento monetário com vistas à circulação exclusiva do peso conversível. Simultaneamente, está em andamento uma reforma do sistema bancário, com a introdução maciça de computadores e redução do pessoal empregado, com os excedentes realocados em outras atividades.

Na indústria, a modernização está sendo promovida em meio à diversificação dos tipos de propriedade: das empresas estatais, que continuam majoritárias, às empresas mistas e híbridas, algumas com a participação do capital estrangeiro. O grande objetivo é a elevação da produtividade da mão de obra, onde os avanços alcançados ainda são considerados modestos, como nos informa o economista Fernández Font, professor da Universidade de Havana. Os incentivos materiais à produtividade prevêm pagamentos de adicionais sobre o salário básico e a redução relativa do pessoal empregado na indústria.

Essas medidas provocarão, inevitavelmente, uma diferenciação social, quebrando até certo ponto o igualitarismo radical das décadas anteriores. Ganharão mais os trabalhadores mais eficientes, assim como todo o pessoal envolvido nas atividades de infra-estrutura turística, onde circula o dólar e onde são permitidas um sem número de transações privadas: aluguéis de quartos a turistas, abertura de restaurantes privados, etc.

Mas essa diferenciação social vem sendo monitorada pelo Estado, através de uma severa taxa sobre as rendas privadas, - um dos pilares da política de elevação da poupança interna. O controle sobre a diferenciação social corresponde a uma opção básica da sociedade cubana: a decisão de preservar as conquistas fundamentais do Estado fundado em 1959-61, isto é, a educação e a assistência médica para todos, o direito à habitação e a

* Doutorando em Administração Pública, Professor da UEFS e da UCSAL.

uma quota básica de alimentos também para todos. Enquanto esses direitos básicos forem respeitados, a diferenciação social será limitada. É matemático: numa sociedade de escassez, se grande parte da riqueza social é canalizada para os direitos comuns, não sobra muito para o consumo dos estratos superiores. Aí parece estar o cerne do enigma cubano.

Um dos lugares mais comuns difundidos acerca de Cuba é aquele que assegura que a Ilha aguarda pelo período pós-Castro, para então mergulhar na diferenciação social aberta. Esse raciocínio elude um dado essencial: o fato de que a manutenção das conquistas sociais já referidas corresponde aos interesses imediatos de milhões de cubanos, muito ciosos de sua importância e dispostos a defendê-las. Aliás, se Cuba estivesse na dependência apenas do carisma de uma liderança, se fosse tão vulnerável, já teria caído.

Afinal, Cuba vive uma guerra velada, mas real, com os Estados Unidos. O bloqueio econômico, radicalizado quando a economia cubana batia no fundo do poço, é um implacável mecanismo de estrangulamento somente contornável via um hábil aproveitamento de brechas diplomáticas, por onde fluem - a preços mais altos - os insumos necessários à reprodução da economia da Ilha. Situada a dois passos do seu poderoso inimigo, Cuba se equilibra sobre uma lâmina inexorável. Explicar sua sobrevivência é quase como explicar um milagre. Atribuir-se tal façanha à mera longevidade de um líder seria afastar-se do raciocínio analítico para se mergulhar no universo das lendas.

A atual sociedade cubana sobrevive porque suas realizações básicas atendem aos interesses de milhões de pessoas. A lógica parece simples: todas as crianças estão na escola, a Universidade realiza pesquisas de vanguarda e todos os cubanos têm assistência médica de primeira linha. Logo, dados os limites da riqueza nacional, a renovação da frota de carros tem que esperar, a restauração da fachada dos prédios também tem que ficar na lista de espera. Se a fórmula se invertesse, então muitos meninos - mais uma vez considerando-se os limites da renda nacional - teriam que sair das escolas e freqüentar as ruas, a Universidade recuaria à indigência terceiro-mundista, a saúde pública desceria aos níveis do submundo, e muitos mergulhariam na miséria absoluta. A maioria do povo parece entender que essa é uma lógica cruel, mas aposta no futuro.

Uma das mais hábeis realizações da moderna sociedade cubana, no plano ideológico, foi a vinculação entre a ordem social vigente e os ideais nacionais, profundamente enraizados na consciência coletiva. O cubano médio percebe que o desmoronamento do atual *status quo* redundaria na renúncia à nacionalidade. Não por acaso, respira-se por toda a parte a presença de José Martí.

Essa fronteira viva entre jacobinismo e socialismo é, nesse final de século, um monumento à persistência humana. Cuba é hoje um desses raros exemplos de vitória da improbabilidade.

(In *Gazeta Mercantil*, Salvador, 20 de julho de 1998, p. 2.)